

ENSINO REMOTO E TECNOLOGIAS NA REDE PÚBLICA DE EDUCAÇÃO INFANTIL: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UM GESTOR ESCOLAR NO PERÍODO DE PANDEMIA

BENIZÁQUIA DA SILVA PEREIRA¹

RESUMO

O cenário educacional brasileiro encara desde março de 2020 um enorme desafio diante da pandemia Coronavírus 2019. Passamos por configurações sociais, políticas e econômicas que refletiram diretamente na educação. O principal objetivo deste trabalho é analisar o papel do Gestor Escolar frente ao novo contexto educacional. Buscamos compreender como o Ensino Remoto Emergencial (ERE) aliado às novas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs) proporcionaram a socialização e a aprendizagem na Educação Infantil durante este período pandêmico. É uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativa, na qual consideramos a vivência de uma Diretora Escolar da rede pública municipal do Ceará. Intercalamos com o aprofundamento teórico de autores como: MACEDO (2022); LUCK (2014); RIOS (2011); PERES (2020) e outros. Reconhecendo a importância da primeira etapa da Educação Básica para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social da criança, direcionamos os nossos estudos em torno de alguns questionamentos: Como a escola pôde garantir o pleno desenvolvimento das crianças durante a pandemia? Foi possível assegurar os direitos de aprendizagens da Educação Infantil preconizados na Base Nacional Comum Curricular (BNCC)? As atividades permitiram aprendizagens significativas e eficazes? Qual o papel do gestor escolar neste contexto? Como as TICs influenciaram esse processo? Consideramos que as tecnologias foram fundamentais para oferta do

1 Graduada em Pedagogia e Pós-graduanda em Gestão Escolar pela Universidade Regional do Cariri – URCA. E-mail: benizaquia@hotmail.com

ERE. A análise crítico-reflexiva desse momento aponta para a necessidade de aprofundamento das contribuições, avanços e limites do ERE. De modo preliminar e enunciativo, contudo, é possível concluir que a atuação do Gestor Escolar, a ação docente, o acompanhamento familiar e a disponibilização de recursos logísticos e tecnológicos constituíram as condições básicas para a efetivação das metodologias e garantia de acesso ao aprendizado.

Palavras-Chave: Gestão Escolar - Ensino Remoto Emergencial - Tecnologias

INTRODUÇÃO

A educação é marcada por diversos períodos de transformações, que ocorrem concomitantemente de acordo com a realidade social, tempo histórico, valores econômicos e culturais. Essas transformações, de algum modo, respondem às determinações e interesses mais amplos de uma sociedade. A consciência de que essas mudanças educacionais são contínuas nos lembra da nossa condição humana inacabada. “Na verdade, o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento.” (FREIRE, 2014, p.40).

Considerando a dinamicidade, pluralidade e diversidade histórica, nos deparamos agora com um dos maiores desafios sanitários da humanidade. De acordo com Ministério da saúde (2021) “a Covid-19 é uma infecção respiratória causada pelo novo Coronavírus SARS-CoV-2. A doença é potencialmente grave, altamente transmissível e espalhou-se por todo o mundo.” Essa pandemia tomou grandes proporções, nos desconstruiu, tivemos que reaprender, repensar em todos os setores de nossas vidas: sociais, profissionais, pessoais. Ficamos literalmente no escuro, tivemos que nos reinventar. Como corolário desse cenário, a educação, mais uma vez, acompanha esse processo social de mutação. Trata-se, a nosso ver, de um dos maiores desafios educacionais já enfrentados por educadores, alunos e pais. No Brasil, a dimensão tornou-se maior do que o esperado. Foram dois anos sem aulas presenciais, com ensino emergente, funcionando de forma remota e *híbrida*.

Essa nova realidade educacional exigirá de um lado, novas competências profissionais que implicarão na disponibilidade e no interesse da formação em serviço, além da formação inicial diferenciada do educador para a gestão escolar e gestão da nova sala de aula. Por outro lado, também serão exigidas novas habilidades e competências dos estudantes para que gerenciem com autonomia e sucesso o seu processo de aprendizagem. (PERES,2020, p. 22).

Passaram a existir muito medos e preocupações. No início, vivíamos a angústia de estarmos parados, sem saber quando iríamos voltar. Preocupados com a saúde, com a vida ao mesmo passo de pensar no quanto essa pandemia estava retrocedendo o que já havia sido

conquistado. Apreensivos, pois, enquanto outros países encontraram rapidamente soluções, se adaptaram e deram continuidade as aulas. O Brasil seguia sem saber como e por onde caminhar. Não era perceptível um direcionamento claro e macro para todos. Estados e municípios realizaram ações educativas em conformidade com suas condições e possibilidades. Observou-se, contudo, o recrudescimento das desigualdades já existentes. Reflexos da ausência de políticas públicas federais claras, orgânicas e financeiramente exequíveis. As redes particulares de ensino organizaram-se de forma rápida, atendendo aos protocolos de saúde e sanitização.

Retomaram prontamente as aulas presenciais. Não é novidade que a realidade das escolas privadas diverge das públicas em algumas situações. De maneira geral, a família é mais presente, possuem melhor condição financeira, além de condições logísticas mais favoráveis ao ERE. Entretanto, a tarefa de iniciar o ERE não deixou de ser complexa. Quando olhamos para educação pública a situação consegue ser pior, pois já éramos conscientes da precariedade existente, por exemplo: a falta de recursos logísticos e tecnológicos, a ausência dos pais, a falta de formação continuada para professores, as desigualdades socioeconômicas e, conseqüentemente, as desigualdades educacionais.

METODOLOGIA

É uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativa, na qual consideramos a vivência de uma Diretora Escolar da rede pública municipal do Ceará. Intercalamos com o aprofundamento teórico de autores como: MACEDO (2022); LUCK (2014); RIOS (2011); PERES (2020) e outros.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Predominou-se por muito tempo e prevalece até os dias atuais o interesse do Estado em jogar a responsabilidade para a escola. Temos uma “suposta autonomia” que nos é cobrada. Enquanto percebemos o estado se ausentar de suas responsabilidades. A falta de planejamento, manutenção, investimento e políticas públicas. Cada gestor escolar responde por sua escola, mas o sucesso vai além da gestão. Não se trata somente dela, é o conjunto de toda a gestão com foco no aprendizado no aluno, a valorização dos profissionais, formação

continuada e recursos. Rios (2011) acredita na importância do Diretor escolar para mediar o uso das tecnologias na escola. A autora reconhece inicialmente a realidade estrutural da mesma e o quanto isto pode interferir negativamente numa gestão inovadora. No entanto, acredita que um bom gestor pode suprir consideravelmente parte dessa deficiência. Macedo (2022, p.297) afirma que:

Os desafios enfrentados pelas professoras se estabelecem enquanto proposições do pensar gestão das instituições escolares, em especial as públicas, enquanto uma rede de apoio que busca diuturnamente a valorização docente e, portanto, formação para as professoras. Nessa direção a gestão escolar deve ser também o *lócus* da luta e incentivo da formação continuada dos professores.

Cabe ao gestor ter a sensibilidade e o olhar atento as necessidades de toda a comunidade escolar. Identificar os reveses no aprendizado e buscar soluções. Rios (2011) ressalta a importância da gestão compartilhada, da integração entre a parte administrativa e pedagógica. Considera que as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) facilitaram a vida escolar, pois procedimentos, antes feitos manualmente, agora podem ser feitos de forma rápida e sistemática por meio de sistemas computacionais. Entretanto, enfatiza que tecnologias não são somente computadores, vídeos, software e internet. Mas é também a forma como nos organizamos em grupos, salas e outros espaços. Diante desse contexto de informação e pandemia, qual seria o papel do gestor escolar para garantir o aprendizado dos alunos?

Acreditamos que o gestor deve identificar as dificuldades dos professores e criar estratégias para supri-las. O planejamento é uma ferramenta essencial nesse contexto. Fornecer meios de formação continuada, momentos de reflexão norteados sempre pelos objetivos de aprendizagem que se busca alcançar. Para tanto, é preciso mobilizar a comunidade escolar, envolver pais, alunos, professores e funcionários. Efetivar tais ações diante deste cenário pandêmico não foi uma tarefa fácil. Foram inúmeras as dificuldades e limitações que muitas vezes não dependem apenas do Gestor, mas de um olhar em rede e de parcerias com outras áreas de atuação além da Educação. É sabido que a pandemia ampliou as dificuldades tecnológicas das escolas e aumentou as desigualdades. De acordo com uma matéria do jornal Folha

de S.Paulo, (2022) "O Brasil atingiu o maior patamar, desde 2012, de crianças de 6 e 7 anos que não sabem ler e escrever. No ano passado, chegou a 40,8% a fatia da população dessa faixa etária que não havia sido alfabetizada, o equivalente a 2,4 milhões."

É indiscutível a importância da atuação do gestor para identificar as objeções e saná-las os desafios e contribuir para sua resolução. A sensibilidade e o olhar diante desse cenário faz toda a diferença. Se consideramos que o mesmo é responsável por direcionar seu corpo docente, proporcionar formações, ser amparo, acolher e incentivar o trabalho pedagógico. Assim como E mais: receber e direcionar os pais, uma vez que deixar de levar os filhos para escola é uma realidade totalmente inusitada para ambos. Alguns pais acreditavam que estavam exercendo o papel do professor em casa, durante o Ensino Remoto. Embora a aula fosse planejada e orientada primeiramente pelo professor, por meio de WhatsApp, quem executava de fato a prática eram os pais. Muitos são os relatos de sobrecarga, de tristezas e anseios. Foi preciso que a gestão ouvisse esses desabafos, compreendesse as angustias, os receios e as aflições, para que assim pudesse agir. Algo muito comum durante este período vivido pelos pais foi sobre o "não saber como lidar" com o desinteresse dos filhos na hora de fazer a atividade. A escuta, o direcionamento e, depois, o alinhamento de ideias com os professores no momento de planejamento, pode fazer toda a diferença.

Essas questões tornam-se essenciais se considerarmos que neste contexto, o gestor também estará administrando as angustias e receios dos docentes que, ao transformarem suas salas de aula de presenciais para virtuais, convivem com o despreparo na utilização de recursos tecnológicos para gravação de aulas, ou mesmo para utilização de ferramentas para aulas em tempo real. Os docentes passaram a conviver com a insegurança do desenvolvimento de uma proposta metodológica virtual e diferenciada que atenda aos objetivos expressos nos planos de ensino e no projeto pedagógico da escola e ao mesmo tempo aos interesses e necessidades dos alunos. (PERES, 2020, p. 24-25).

O trabalho da gestão escolar tornou-se ainda mais desafiador, porque permanece todas as cobranças que já eram existentes e surgem

novas responsabilidades como as já citadas. Além delas, os gestores escolares vivenciaram constantemente a ideia de um possível retorno, dependendo da situação pandêmica de cada localidade. No Ceará, em alguns municípios, a retomada só aconteceu com 100% em 2022. Foi uma ação que envolve diretamente o gestor, foi preciso pensar num plano de retomada que avaliasse todas as condições estruturais da escola, questões pedagógicas e de segurança para atender as condições básicas de sanitização exigidas e garantir o bem-estar de todos. Tudo isso exige do gestor uma postura de liderança. Segundo Luck (2014),

Corresponde a um conjunto de ações, atitudes e comportamentos assumidos por uma pessoa, para influenciar o desempenho de alguém, visando a realização de objetivos organizações. Corresponde à capacidade de influenciar pessoas individualmente ou em grupo, de modo que ajam voltadas para realização de uma tarefa, a efetivação de um resultado, ou o cumprimento de objetivos determinados, de modo voluntário e motivado, a partir do reconhecimento de que fazem parte de uma equipe e que compartilham em comum responsabilidade sociais a que devem atender. (LUCK, 2014, p. 95).

Portanto, a gestão escolar deve seguir os princípios de liderança que promovam um trabalho coletivo dentro de um ambiente organizado. Para que todos estejam engajados com os objetivos de aprendizagens e conscientes de suas responsabilidades. Além dos processos burocráticos em torno da retomada das aulas presenciais. Contudo, diante da realidade o pedagógico das escolas seguiu se preocupando com os professores na criação de aulas atrativas que contribuíssem para o aprendizado das crianças e que fossem possíveis de realizar em casa, com ajuda de familiares. Percebemos a preocupação, o compromisso e a responsabilidade ao buscar ofertar um ERE que contemplasse da melhor forma possível o esperado e previsto na BNCC para educação infantil. As devolutivas foram diárias, evidenciando que mesmo enfrentando tantas dificuldades com o formato remoto, foi possível acontecer aprendizados.

RELATO: ENSINO REMOTO EMERGENCIAL E EDUCAÇÃO INFANTIL: PRÁTICAS DOCENTES DURANTE A PANDEMIA

Quando pensamos essa nova realidade no contexto da educação básica e pública, precisamente no ensino infantil podemos ter uma noção mais evidente da complexidade que os profissionais da área, familiares e alunos tiveram de enfrentar durante este período. A tarefa de se reinventar para ofertar ERE foi bastante desafiadora. Estamos falando de crianças em processo de alfabetização, em pleno desenvolvimento e construção social. Tivemos que lidar com medos e incertezas, precisávamos de alguma forma garantir os direitos de aprendizagem dessas crianças. Porém, como a escola conseguiria atender tais necessidades através de telas e de atividades impressas? Existiam muitas preocupações em torno desse novo ensino, a saber: o entendimento das crianças nessa faixa-etária, se essa nova forma de aprender despertaria o interesse de ambas, a curiosidade, a autonomia. Além de pensarmos também até que ponto isso seria eficaz e saudável, uma vez que já lidávamos com o dilema da restrição de telas para crianças, recomendada por diferentes profissionais da saúde e educação.

Diante destas indagações iniciamos nossas práticas de ensino sob a orientação de regulamentações estaduais e secretaria de educação do município. Foram criadas turmas/sala de aulas em grupos de WhatsApp. Nesse momento nos deparamos com uma das primeiras dificuldades que foi a falta de informação completa nas fichas cadastrais de alunos e a desatualização de dados. Muitos não possuíam aparelhos telefônicos, não utilizavam o aplicativo ou não possuíam internet. Diante de tantos casos, as atividades impressas foram adotadas na tentativa de preencher essa lacuna da inacessibilidade. Elaboradas de acordo com cada mês, considerando o nível de aprendizagem de cada turma. A proposta da rede municipal era garantir que as crianças sem acesso à internet mantivessem o vínculo escolar por meio destas atividades que os pais iam buscar na escola ou a equipe de Busca Ativa deixava nas residências. Nas palavras de Macedo (2022, p.299)

Observa-se que a busca de alternativas para trabalhar de forma remota varia também de acordo com a realidade de acesso dos alunos, o que incita um constante

planejamento e adaptação da prática pedagógica. A preocupação com o acesso aos recursos tecnológicos levou as professoras da Educação Infantil a desenvolverem alternativas para o Ensino Remoto Emergencial, como as atividades impressas a serem entregues em domicílio.

Algumas instituições optaram por entregar impressões diárias para todos os alunos, ou seja, um “caderno grampeado com tarefas organizadas de acordo com a quantidade de dias letivos por mês”. Superando as limitações de recursos com ajuda coletiva de professores e parceria com Secretaria de Educação Municipal. Existia uma ideia comum a pais e professores em torno destas atividades: acreditava-se que ambas facilitavam o acompanhamento e melhor desenvolvimento dos alunos. Os docentes demonstravam grande dificuldade em elaborar uma aula apenas *on-line* para esse público sem o fornecimento de tais atividades. Enquanto os pais também eram resistentes à ausência delas. As atividades impressas passavam a ideia para ambos de que “pelo menos alguma coisa estava sendo feita”, no sentido de dar credibilidade ao trabalho docente durante este período. As escolas que não seguiram o padrão de impressão para todos foram vistas pelos pais de forma desorganizada e por conta própria buscavam imprimir as tarefas que os professores postavam nos grupos, sob a justificativa de “não saber passar para o caderno da criança.” Imprimir era mais fácil e prático, embora reclamassem do alto custo para manter este hábito diário sozinhos.

Um dos grandes problemas das atividades impressas para educação infantil era a sua elaboração. Primeiro, a dificuldade de manusear equipamentos tecnológicos como computadores, programas de edição de texto e imagens. Devemos aqui ressaltar a importância do ato de planejar para obtermos práticas exitosas. Gandin (1994, p.101) aponta que “[...] qualquer atividade, para ter sucesso, necessita ser planejada. O planejamento é uma espécie de garantia dos resultados [...] não se pode improvisar a educação, seja ela qual for o seu nível.” Percebemos também uma falha na compreensão do aprendizado esperado quanto ao desenvolvimento das turmas de infantil 2 ao 5. Confundi-se muito entre família e professores a utilização das atividades para alfabetizar nesta etapa, ou seja, por um lado o desnorreamento de alguns docentes ao propor atividades que se encaixem dentro dos padrões esperado. De acordo com a nossa Lei de Diretrizes e Bases da Educação

Nacional (LDBEN) em seu artigo Art.29º, a Educação Infantil é considerada “a primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em aspectos físico, psicológico, intelectual e social, [...]”. (BRASIL, 1996, p.22). A nossa BNCC, os Referenciais, as Orientações Curriculares Prioritárias do Ceará (OCPC) coadunam da mesma ideia e expandem.

No entanto, por outro, lado a cobrança dos pais em propor atividades avançadas, muitas vezes influenciados pelo o ritmo de escolas particulares ou pelo desconhecimento do que seja a Educação Infantil. Macedo (2022, p.299) afirma que “implica em uma prática pedagógica diferenciada e que envolve campos de experiência para além do desenvolvimento cognitivo, contemplando aspectos relacionais, psicomotores e afetivos, ainda mais desafiadores para serem trabalhados à distância.”

Diante dessas observações vimos à necessidade de propor formações para professores e pais com o intuito de aprofundarmos os nossos conhecimentos diante desta nova realidade. A educação infantil antes da pandemia já era vista com menosprezo comparado às demais modalidades. Mas sabemos o quanto ela é importante para que ocorram todas as outras. No entanto, nos preocupamos com o andamento dos últimos dois anos, quando consideramos a importância da Educação Infantil para o desenvolvimento social da criança. E a escola durante o período remoto ficou limitada a ofertar esta socialização, restando chamadas de vídeos em grupo, individuais e alguns raros momentos de presença na escola nos dias de buscar e deixar as atividades impressas mensais.

Em geral, as professoras da Educação Infantil reconhecem que o Ensino Remoto Emergencial foi melhor do que a suspensão total das atividades docentes, foi a alternativa possível e viável, diante do contexto pandêmico e consideram que os avanços alcançados por mais que não se comparem aos avanços que deveriam ter sido alcançados na realidade presencial, foram válidos: “[...] por menor que tenha sido aprendizagem, mas houve, houve aprendizagem” (MACEDO, 2022, p.301).

Tínhamos, então, a impressão de que era impossível ofertar uma educação infantil de qualidade para as crianças dessa forma que foi posta. Mas percebemos que houve uma busca por conhecimentos, uma

sede por inovação. Isso fez com que muitos profissionais dessem o seu melhor diante das condições que tinham. Vimos professores inovando suas práticas, falando brilhantemente em frente às câmeras, editando vídeos, tentando despertar o interesse dos seus alunos. Notamos que de alguma forma essa nova realidade aproximou escola e família, os pais se sentem mais responsáveis e de fato, foram fundamentais e os principais aliados dos educadores durante a pandemia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dois anos sem aulas presenciais produziram uma experiência desafiadora, assim como lidar diariamente com a expectativa de um possível retorno. Existia e ainda existe o receio das dificuldades que iremos enfrentar em relação à aprendizagem, desigualdades sociais, situações de violência que foram agravadas no período de pandemia. Consideramos que as

tecnologias foram fundamentais para oferta do Ensino Remoto Emergencial, que mudou a nossa percepção acerca do processo ensino-aprendizagem. Pensamos essa mudança de perspectiva a partir de uma dupla determinação: positiva e negativa. De um lado, o ERE permitiu que nos reinventássemos, nos aproximou das famílias e significou novas perspectivas. Por outro, possibilitou retrocessos, tais como: evasão escolar, dificuldades de aprendizados. Impossível não pensar no que nos esperava, sobre o que faríamos para tentar reverter a situação. Quanto tempo isso irá levar? Seja como for, saímos dessa mais fortes e preparados. Foi um período proveitoso para investir em formação continuada, para ouvir e partilhar experiências.

Quando pensamos na educação que tínhamos e olhamos para a que queremos ter, existe uma grande diferença. Precisamos reconhecer que não somos os mesmos, assim como a Educação não deve voltar ao que era antes, mas ser melhor, justa e com qualidade para todos. Diante de tudo já exposto ao longo desse trabalho, destacamos mais uma vez o papel do Gestor Escolar neste cenário. Quando o gestor reconhece a importância do trabalho em equipe, sabe ouvir a comunidade como um todo, pais, alunos, professores e funcionários. Quando compreende que o aprendizado acontece além dos muros da escola. Quando busca fazer parcerias internas e externas para ofertar uma aprendizagem significativa ao educando, cria-se a condição e

oportunidade de usufruir de uma educação de qualidade, justa e significativa para todos.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Saúde. **Biblioteca virtual em saúde**. Disponível em: <https://bvsmms.saude.gov.br/covid-19-2/>, Brasília, Out. 2021.

BRASIL. Lei n. 9.394, 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases para a educação nacional**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: <https://bit.ly/3rpL2qK>. Acesso em: 18 abr. 2022

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CEARÁ, Secretaria de Educação. **Orientações Curriculares Prioritárias do Ceará**. Disponível em: <https://paic.seduc.ce.gov.br/index.php/fique-por-dentro/ultimas-atualizaco> Ceará, 2020.

FOLHA, de São Paulo, PALHARES, Isabela. **Sobe para 41% fatia das crianças de 6 a 7 anos que não sabem ler e escrever. Em 2012, eram 28%, segundo estudo do todos pela educação com base na Pnad continua**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2022/02/sobe-para-41-fatia-das-criancas-de-6-a-7-anos-que-nao-sabem-ler-e-escrever.shtml?originl=folha>, São Paulo, 08 de fev. 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

GANDIN, D. **Planejamento como prática educativa**. 8 ed. São Paulo: Loyola, 1994.

LUCK, Heloisa. **Liderança em Gestão escolar**. 9.ed – Petropolis, RJ: Vozes, 2014. (série cadernos de Gestão).

MACEDO, Maria do Socorro Alencar Nunes. **Retratos da alfabetização na pandemia da COVID-19: [recurso eletrônico]: resultados de uma pesquisa**

em rede / organização Maria do Socorro Alencar Nunes Macedo, -1. ed.-São Paulo: Parábola, 2022.

PERES, Maria Regina. **Novos desafios da gestão escolar e da sala de aula em tempos de pandemia.** Revista Administração Educacional, V.11 N.1, p.20-31, Recife, jan- jun/2020.

RIOS, Mirivan Carneiro. **O Gestor Escolar e as Novas Tecnologias.** Disponível em: https://portal.unisepe.com.br/unifia/wpcontent/uploads/sites/10001/2018/06/9gest_tec.pdf , São Paulo, 2011.